



VENEZUELA EM ROTA DE COLISÃO: DA ESTABILIDADE À CRISE

Elói Martins Senhoras¹

O modelo político-econômico instaurado na Venezuela sob o título de Socialismo-Bolivariano passou por um ciclo de vida com diferentes fases evolutivas diretamente relacionadas ao preço internacional do petróleo e a consequente capacidade de financiamento de uma agenda intervencionista de natureza nacionalista, esquerdista e neopopulista.

Em um primeiro momento, contextualizada pela franca expansão do preço internacional do petróleo, o presidente eleito, Hugo Chávez, chega ao poder com uma agenda financiada pelo aumento internacional do petróleo, intitulada como Socialismo do Século XXI, a qual foi difundida intranacionalmente e regionalmente na América Latina por meio da “Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA)”, de modo que os anos entre 1999 a 2006 se caracterizaram como uma fase de germinação da revolução.

Em um segundo momento, identificado como de maturação da revolução socialista-bolivariana devido às mudanças constitucionais com consequente centralização do poder, bem como à persistência de uma alta nos preços das *commodities* a despeito das volatilidades entre 2007 e 2008, tornaram a Venezuela em um país com ampla ressonância internacional entre os anos de 2007 a 2012.



¹ Elói Martins Senhoras é economista e cientista político, professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Email de contato: eloisenhoras@gmail.com. Outros trabalhos podem ser encontrados em www.eloisenhoras.com.

Em um terceiro momento, a partir de 2012, com o falecimento de Hugo Chávez e a queda acentuada do preço internacional das commodities ao longo dos anos seguintes, o modelo Socialista-Bolivariano entra em uma aguda crise, a qual torna problemática a governabilidade do presidente em exercício Nicolás Maduro à medida que o governo vai gradativamente perdendo o motor de financiamento econômico da revolução bolivariana na Venezuela e nos países da ALBA.

O período que vai entre 2012 e 2015 é caracterizado como uma fase de desestruturação do modelo Socialista-Bolivariano, de modo que na tentativa de manter a competitividade internacional das exportações de petróleo e por conseguinte de financiamento governamental, as sucessivas políticas de desvalorização cambial geraram como efeito colateral um forte desequilíbrio interno, com a emergência de uma rápida hiperinflação que escalonou para a impressionante cifra de mais de 1.000.000%.

A reversão dos ciclo econômico positivo engendrado entre as fases de germinação e maturação da revolução política de natureza socialista-bolivariana trouxe consigo uma retroalimentação de uma aguda crise econômica e política, tornando o país crescentemente polarizado e permeado por violentos momentos de desabastecimento econômico e de recorrentes mobilizações populares pró e contra o governo de Nicolás Maduro.

A partir do ano de 2015, a crise econômica e política se agudiza na Venezuela, de modo que gerou uma grave crise social, com claro efeito líquido de recrudescimento da violência e do número de mortos, aumento da pobreza e crescente imigração internacional de venezuelanos, tornando as fronteiras em um *loci* de transbordamento dos fluxos migratórios, tanto, as fronteiras andinas, com proeminência à Colômbia, Peru e Equador como destinos prioritários juntamente com Estados Unidos e Espanha, quanto as fronteiras amazônicas, em menor escala, com repercussão no Brasil.

Com a eleição de Nicolás Maduro para um novo mandato presidencial, apesar das denúncias de fraudes, e, a autoproclamação do presidente da Assembleia Legislativa, Juan Guaidó, como presidente interino, após diferentes manifestações populares no país no ano de 2019, a crise política econômica venezuelana entra em um claro estado de escalada da complexidade à medida que o país passa a contar com forte pressão intra-nacional e internacional para a saída de Maduro do poder.

A despeito das mobilizações intranacionais, a emergência de ajudas humanitárias e embargos econômicos unilaterais por determinados países, ou mesmo, o surgimento de cúpulas multilaterais como a do Grupo de Lima para negociar uma resolução pacífica da crise econômica-política venezuelana, o governo de Nicolás Maduro possui forte base de sustentação à medida que internamente as Forças Armadas e sua cúpula dão amplo apoio e externamente Rússia e China dão

amparo internacional no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas contra qualquer eventual intervenção militar.

Conclui-se com base nas discussões ora apresentadas que a situação precária da Venezuela encontra-se em um estágio latente de aguda crise, a qual tende a continuar e incrementalmente se agravar com o próprio tempo, impulsionando novos vetores de conflitos políticos e de ampliação do êxodo migratório, porém sem soluções passíveis no curto e médio prazo, o que repercute em uma situação de falência institucional do Estado e da própria sociedade venezuelana, suscetível a um desfecho trágico em termos de maior centralização do poder do regime ditatorial, tentativas de deposição do poder por meio de golpe político, ou, mesmo, a eventual incursão de operações de paz da ONU para estabilizar o país, no muito longo prazo.